

As Naus do Discurso em Antonio Lobo Antunes

Prof. Dr. Silvana Oliveira¹ (UEPG)

Resumo:

Antonio Lobo Antunes, em seu romance As Naus, de 1988, propõe uma releitura da tradição de louvor às glórias marítimas de Portugal de modo a inserir a África no novo contexto das relações políticas e sociais do século XX. O romance traz para o século XX as figuras representadas no discurso épico do registro das viagens pelo mar e as atualiza na história de Portugal, ao encenar o desfecho trágico da colonização africana, com destaque para Angola, principalmente. Interessa nessa comunicação discutir as estratégias de dialogismo e polifonia que tornam possível que o sentido épico das navegações ganhe o contorno contemporâneo do discurso híbrido dos colonizadores expulsos pelos colonizados em um contexto problemático de inversão e subversão de papéis. As várias personagens do período de glórias ultramarinas, como Luis de Camões e Vasco da Gama, entre muitos outros, retornam ao cenário português, agora no papel de portugueses expulsos das colônias africanas pela ânsia de liberdade e vingança vivida pelos nativos.

Palavras-chave: Antonio Lobo Antunes, As Naus, Dialogismo

Introdução

O romance *As Naus*, de Antonio Lobo Antunes, publicado em Portugal em 1988, promove a aproximação de dois momentos históricos afastados cronológica e ideologicamente: o século XVI com as conquistas marítimas portuguesas e as décadas de 60 e 70 do século XX, quando da Guerra Colonial que promoveu a independência das colônias em África.

A aproximação promovida pela narrativa não se dá, como seria de esperar, pelo discurso analítico, a estratégia narrativa de ceder voz a várias personagens ao longo do romance encena a Lisboa do século XX, com o retorno daqueles que viveram da exploração das colônias africanas. Essa encenação do momento contemporâneo se realiza de modo a revelar a contaminação do passado nas ações e na realidade do momento.

Temos duas esferas de “contaminação” bastante marcadas aqui; a primeira delas se dá no nível das personagens. Aqueles que retornam de Angola, principal colônia portuguesa a tornar-se independente em um processo violento iniciado em 1961 e encerrado em 1975, têm o nome das grandes personagens da história das conquistas portuguesas no mar. Entre elas estão Pedro Álvares Cabral, Luis de Camões, Diogo Cão, Vasco da Gama e Gil Vicente. Ao retornarem, essas figuras carregam a história pessoal de pessoas que viveram a colônia em situações comuns aos portugueses que deixaram a metrópole em busca de oportunidades em Angola e, ao mesmo tempo, carregam a identidade das personalidades históricas do século XVI, tornadas presentes não só no nome, mas também como uma parte dessa identidade híbrida que cada uma das personagens carrega ao longo o romance.

A outra esfera de contaminação se consolida no encaminhamento do enredo quando, ao meio do relato dos eventos passados no século XX, na Lisboa contemporânea, temos cenas e imagens do século XVI a interporem-se na realidade do momento, criando um efeito ao mesmo tempo surreal e fantástico.

O elemento convergente na caracterização das personagens é a ênfase dada ao estado de penúria e indignidade em que elas vivem após deixarem a colônia.

Não há glória possível para o navegador Pedro Álvares Cabral que retorna a Lisboa, em pleno século XX, com a companheira e o filho, sem lugar para ficar e sem nenhuma relação com o país que agora parece renegá-lo em definitivo. O mesmo se dá com todas as outras personagens.

O discurso do romance subverte o vínculo épico associado a essas personagens e as coloca no cenário conclusivo do processo das conquistas marítimas, cujo século emblemático é o século XVI. A escolha pelo período da Guerra Colonial, décadas de 60 e 70 do século XX, como tempo da narrativa torna-se indício de que esse período é apresentado no romance como o contraponto crítico do discurso de louvor que alimenta a história portuguesa, passando pelos Lusíadas, pelos sebastianistas até chegar em Fernando Pessoa, em Mensagem, principalmente.

1. As personagens e o discurso híbrido

Pedro Álvares Cabral é a primeira personagem com que temos contato já no início do romance. O relato de seu retorno a Lisboa é feito de modo a identificarmos todos os elementos do tempo contemporâneo, ele chega à cidade de avião, mas não sem recordar-se que a viagem de ida se deu na praia do Restelo, passando pela torre de Belém. O cenário da ida, recordado agora, é o cenário e o tempo do século XVI, inclusive com a alusão à nau das descobertas:

Passando por uma placa que designava o edifício incompleto e que dizia Jerónimos esbarrámos com a Torre ao fundo, a meio do rio, cercada de petroleiros iraquianos, defendendo a pátria das invasões castelhanas, e mais próximo, nas ondas frisadas da margem, a aguardar os colonos, presa aos limos da água por raízes de ferro, com almirantes de punhos de renda apoiados na amurada do convés e grumetes encarrapitados nos mastros aparelhando as velas para o desamparo do mar que cheirava a pesadelo e a gardênia, achámos à espera, entre barcos a remos e uma agitação de canoas, a nau das descobertas (ANTUNES, 2006, p. 12).

O discurso do narrador, nesse momento em terceira pessoa, mescla duas realidades temporais, quando relata a viagem de ida de Pedro Álvares Cabral com os elementos próprios daquele momento histórico (almirantes de punhos de renda, grumetes encarrapitados nos mastros) e ao mesmo tempo vincula esses elementos ao presente do século XX com imagens desse momento (petroleiros iraquianos).

O dialogismo proposto por Mikhail Bakhtin (1998) leva em conta a transposição para o romance da lógica de interação de linguagem entre o eu-outro; no caso do romance *As Naus*, o autor promove a interação entre dois tempos, o agora da narrativa e o tempo histórico que está presente como elemento de recuperação fantástica da história que, no limite, determina esse presente complexo apresentado pela narrativa.

A estratégia narrativa de promover o diálogo entre os dois tempos históricos se revela uma constante ao longo de todo o romance. Encontraremos a mesma situação em um outro momento quando Pedro Álvares Cabral conhece Diogo Cão, na pensão que aloja os retornados de Angola, a Residencial Apóstolo das Índias.

O primeiro amigo que fizeram na Residencial Apóstolo das Índias dormia três colchões adiante, chamava-se Diogo Cão, tinha trabalhado em Angola como fiscal da Companhia das Águas, e quando à tarde, depois da mulata partir para o bar, se sentava comigo e com o miúdo nos degraus da pensão a ver nas ripas dos telhados o fresim das rolas, anunciava-me, já de voz incerta, bebericando de um frasco oculto no forro do casaco, que há trezentos, ou quatrocentos, ou quinhentos anos comandara as naus do Infante pela Costa da África abaixo (ANTUNES, 2006, p. 53).

Ao conhecer Diogo Cão, Pedro torna-se seu companheiro de ócio e tardes de espera pela mulher que nesse momento trabalha. No momento em que revela o seu passado de comando no mar, Pedro, questionando a própria natureza da sua apresentação no romance, exige uma prova dos relatos fantásticos do navegador e este a dá, convidando-o a apreciar as relíquias de seus tempos de

glória no mar: ... até o dia em que abriu a mala à minha frente e debaixo das camisas e dos coletes e das cuecas manchadas de vomitado e de borras de vinho, dei com bolorentos mapas antigos e um registro de bordo a desfazer-se.

A descrença de Pedro aparece como o questionamento da sua própria condição de ser entre tempos, a confirmação de Diogo Cão se faz por objetos pouco confiáveis, mas não há, em nenhum momento, qualquer questionamento da veracidade dos seus relatos, assim como não haveria qualquer estranhamento de nenhuma outra personagem diante da realidade híbrida em que estão inseridos, são seres que não questionam o estranhamento do seu modo de estar no tempo e na história, como se esse Portugal a que retornam só pudesse existir mesmo nessa confluência de tempos.

Luís de Camões entra na narrativa, assim como a maioria das personagens, no momento em que retorna do cenário de guerra em que se transformou Angola. Seu retorno é melancólico como os outros, no entanto, Luís carrega o espólio de seu tempo na África: o cadáver do pai.

O homem de nome Luís habitava com o pai no Cazenga quando uma patrulha disparou sobre o velho, de forma que assim que os amigos do dominó lho trouxeram embrulhado em rasgões de lençol, só com uma madeixa de cabelo ruço de fora, o deixaram na toalha do jantar, em cima dos talheres e dos pratos, e se foram a discutir um dobre de seis, desceu ao beco até a agência funerária que uma granada rebentara, entrou pelos vidros estilhaçados da montra e escolheu uma urna no meio das muitas que sobejavam na loja porque os corpos se decompunham nas praças e nas ruas sem que ninguém se afligisse com eles, salvo os cachorros vagabundos e os ladrões de farrapos (ANTUNES, 2006, p. 20).

A urna com o corpo do pai é o único bem que sobrou a Luís no retorno a Portugal; quando chega ao país, o poeta permanece muito tempo no porto, pois não tem para onde ir; essa permanência nos é apresentada como um reconhecimento sofrido de um espaço absolutamente estranho a quem, em outros tempos e em outros livros, é a dicção desse espaço, outrora de nacionalidade e identificação.

Com a entrada de Luís, jamais, nominado de Camões ao longo do romance, o esfacelamento da história nacional se mostra mais nitidamente. Não reconhecimento entre o vate e o tema de seu louvor. Portugal é nevoeiro e permanecerá assim diante dos olhos do poeta:

Então sentou-se na urna com a água aos seus pés sem lograr distingui-la, salvo o ofegar do rio que se distanciava e avançava, e onde desembocavam os esgotos de Lixboa e os sonetos pastoris do poeta Francisco Rodrigues Lobo, suicida do Tejo pescado numa rede como um sável de bigodes. As gaivotas e os milhafres acolheram-se às cornijas quase concluídas dos Jeronimos para onde o exército trasladara a chamazinha gloriosamente modesta do soldado desconhecido, camponês atônito jogado para a lama francesa e os gases alemães da primeira guerra mundial, dando lugar a morcegos do tamanho de perdizes que dormiam durante o dia na paz de arcos do claustro com um lagozito ao centro destinado à sereia criança que Bartolomeu Dias prometera a el-rei quando da sua próxima viagem, logo que de madrugada um canto de búzio se erguesse dos recifes a deslumbrar os marinheiros (ANTUNES, 2006, p. 22).

Na contemplação de Luís logo após sua chegada, temos as referências cruzadas desses dois tempos que são a tônica do romance. Luís olha o Tejo e o rio é a sepultura do poeta português que viveu no século XVI e é também o espaço de homenagem, nos Jerónimos, do soldado morto na Segunda Guerra do século XX.

Conclusão

Todas as personagens históricas com as quais nos defrontamos no romance perambulam por Lisboa sem encontrar descanso ou possibilidade de identificação com esse espaço, tornado estrangeiro e alheio pela ausência e pelo fracasso dos projetos de nacionalidade frustrados ao longo da história. Ao fim do romance, o narrador coloca todos os retornados, nominados com as referências da glória das grandes personagens do passado, doentes às margens do rio Tejo esperando aquele que seria o senhor de todas as descobertas: Dom Sebastião.

A desconstrução do mito de Dom Sebastião não se dá apenas no nível histórico, mas sim no plano cultural. Dom Sebastião não cabe aqui nem como metáfora, como coube em Mensagem, de Fernando Pessoa. Em As Naus, a espera por Dom Sebastião simboliza antes a decrepitude e a desesperança do que a motivação para a espera.

Para Ana Margarida Ramos¹, As Naus é narrativa de retorno, tanto no plano temporal como no plano espacial. Nas palavras da analista:

É então de descolonização e de retorno que se fala, mas também da partida de navegadores e heróis há cinco séculos atrás. Aliás, os tempos da partida e da chegada ligam-se e misturam-se de tal maneira que estão sempre presentes no imaginário dos retornados aqui transformados em personagens de romance. A própria concepção do tempo neste romance levanta-nos alguns problemas, se tentarmos encontrar no tempo uma linha condutora do romance.

Apesar da ironia na escolha das personagens e do cómico patente em algumas situações, fruto do jogo com tempos e personalidades diversas, o que ressalta deste romance é uma imagem de Portugal profundamente desiludida e dolorida. Tudo parece ter acontecido em vão. O que resta de tantas viagens, descobertas, partidas, naufrágios, epopeias e poetas é um grupo de tuberculosos que, sentados numa qualquer praia, olham o mar e esperam que dele venha a salvação nacional. Portugal surge aqui sem presente nem futuro e parece até perder os vestígios de um passado que muitos querem, à viva força, glorioso.

O questionamento identificado pela autora se dá no nível da crítica à pretensa glória vivida por Portugal. Lobo Antunes engendra um texto em que o diálogo dos dois tempos se dá na medida em que torna possível que o presente seja problematizado ao extremo. Esse presente sem glória, de nevoa apenas, que não atenderá ao chamado Pessoa que encontramos no último poema de Mensagem:

QUINTO - NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer-
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)

¹Disponível em http://www.ala.nletras.com/livros/as_naus.htm, consultado em 7/6/2008.

Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...
É a hora!

Valete , frates,

(PESSOA, Fernando Pessoa, 2001, p. 32)

O declínio e a desonra dessas personagens que em outros contextos simbolizam a história gloriosa do país traduz também o sem sentido que toma conta do país. A nação revelada em *As Naus* é a nação do Nevoeiro de Pessoa, entretanto, não há o chamado à ação e ao retorno de glória do passado; também não há o cumprimento de irmandade (Valete, frates). No país de Lobo Antunes estão todos sós, não há acolhida ou possibilidade de consolo pela identificação de irmãos na nacionalidade perdida.

Referências Bibliográficas

- [1] ANTUNES, Antonio Lobo. As Naus. 6. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2006.
- [2] BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (orgs.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2005.
- [3] BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998.
- [4] CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.
- [5] LEONARD, Y. História da Expansão Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitura, 1999.
- [6] PESSOA, Fernando. Mensagem. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- [7] SILVEIRA, J. F. Escrever a casa portuguesa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

Autor(es)

¹ **Silvana OLIVEIRA, Prof. Dra.**
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)
Departamento de Letras Vernáculas
oliveira_silvana@hotmail.com